

## **Aprendendo a ensinar antropologia em tempos pandêmicos: compartilhando experiências e metodologias de ensino a partir do Estágio Docência<sup>1</sup>**

Ana Paula Marcelino (PPGA/ UFPB/BR)

Maysa Carvalho de Souza (PPGS/ UFPB/BR)

**Resumo:** A pandemia da Covid-19, que teve início no Brasil em março de 2020, impactou de forma direta o setor da educação no país, impondo novos desafios tanto para os discentes quanto para os docentes, sobretudo no Ensino Público. Esses novos desafios, marcados pela impossibilidade do “estar lá”, isto é, de estar em sala de aula de forma presencial, especificamente durante os períodos mais extremos da pandemia indicam, consequentemente, a necessidade de novas estratégias para a continuidade das atividades acadêmicas de Ensino Superior (referentes não somente ao ensino, mas também a pesquisa e a extensão, por exemplo) mesmo que de forma remota. Desta forma, este trabalho trata da nossa experiência de Estágio Docência ocorrida no primeiro semestre do ano de 2021, realizada na disciplina obrigatória de Antropologia da Saúde II para o curso de Nutrição, ministrada pela docente Mônica Franch (PPGA/PPGS - UFPB) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse sentido, tanto ensinar, aprender e aprender a ensinar antropologia estão envolvidos nas discussões que permearam toda a experiência vivenciada na sala de aula online, desde o planejamento das aulas, atividades e dinâmicas, até a execução dos trabalhos de pesquisa realizados junto à turma de alunos e alunas.

**Palavras-Chave:** Antropologia; Pandemia; Metodologias de ensino.

### **Introdução**

A experiência de estágio docência, além de fazer parte do conjunto de exigências curriculares em muitos cursos de pós-graduação, é também um momento de aprendizado bastante rico. Ainda que as variáveis envolvidas nos processos de escolha e o contexto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

político atual de sucateamento das instituições federais de ensino superior sejam fatores que permeiam o imaginário das/dos estudantes de pós-graduação no país, o momento de aprender a ensinar fomentaram questionamentos bastante complexos sobre nossas próprias trajetórias pessoais e profissionais como antropóloga e socióloga.

Mas esse cenário contempla ainda uma variável bastante impactante: a pandemia de Covid-19. Afinal, todo percurso metodológico que iríamos traçar no mestrado, independentemente do programa de pós-graduação ao qual estávamos vinculadas, tinha sido planejado para ocorrer de forma presencial. Entretanto, por causa da crise sanitária, boa parte das atividades realizadas no âmbito da universidade estavam sendo feitas de forma remota, especialmente por meio da plataforma *Google Meet*, e as aulas, considerando o alto risco de contaminação trazido pela concentração de muitas pessoas em espaços fechados, como as salas de aula.

Foi nesse contexto desafiador que teve início nosso processo de aprendizagem docente. Mais do que termos de nos adaptar à compartilhar o conteúdo da nossa disciplina com alunas e alunos de outro curso, também precisamos acolher as demandas de estudantes que um ano após sua entrada na graduação, não haviam vivenciado de forma presencial o ambiente universitário nem se encontrado pessoalmente.

## **O planejamento da disciplina**

Considerando o fato de que nós duas éramos orientadas pela Profa. Dra. Mónica Franch<sup>2</sup>, passamos a frequentar as reuniões coletivas de orientação e nos conhecemos, de forma remota<sup>3</sup>. Ao longo dos meses de convivência remota e dada a proximidade de nossos temas de pesquisa<sup>4</sup>, passamos a dialogar mais frequentemente e, para nossa surpresa, coincidentemente estávamos escaladas para realizar o período de estágio docência na mesma turma.

---

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (DCS-UFPB) e dos programas de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFPB (PPGS-UFPB/PPGA-UFPB). Link do currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3848871240061464>>.

<sup>3</sup> Até a finalização desse texto nós duas ainda não havíamos nos conhecido presencialmente.

<sup>4</sup> Juntamente com o nosso colega, Vinícius Gabriel, discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPB), e de nossa orientadora, escrevemos um trabalho que foi apresentado e publicado no V Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Em linhas gerais, o trabalho disserta sobre o impacto da pandemia no trabalho de enfermeiras, costureiras e professoras e sua relação com o fato dessas serem profissões predominantemente ocupadas por mulheres. O trabalho completo está disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/79352>>. Acesso em 17 de agosto de 2022.

A disciplina “Antropologia da Saúde II”, ofertada pelo Departamento de Ciências Sociais da UFPB ao curso de Nutrição da mesma universidade, faz parte do conjunto inicial de componentes curriculares deste curso e comporta, normalmente, alunos e alunas do primeiro ou segundo período.

Mas antes de iniciarmos as aulas de fato, marcamos algumas reuniões para planejar a metodologia de ensino, os textos que seriam discutidos ao longo do período da disciplina, além de propor adaptações e outras formas de ministrar o conteúdo a partir dos interditos e possibilidades trazidos pelo ensino remoto. O grupo de estagiárias contemplava ainda a colega Luriana de Sousa<sup>5</sup>, discente do mestrado em Antropologia da UFPB, e o colega Vinícius Gabriel<sup>6</sup> que também é orientado pela professora Mónica, além de duas monitoras, alunas da graduação em Nutrição da UFPB.

### **Metodologias de ensino: proposta de um campo *online***

Numa breve contextualização sobre a pandemia mais recente, datam de dezembro de 2019 os primeiros casos de pneumonia severa identificados em Wuhan (China), havendo um percurso entre os meses seguintes que perpassaram pela associação dos casos de adoecimento a um novo coronavírus, assim como a verificação de transmissão do vírus Sars-Cov-2 entre seres humanos, a nomeação do termo enquanto um surto de doença respiratória aguda até a constatação e declaração da pandemia em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), marcando excepcionalmente o que pode ser denominado enquanto um “contexto de incertezas” (SPINK, 2020).

Percebendo a distinção entre os termos surto, epidemia ou pandemia enquanto uma nomeação técnica da epidemiologia para designar uma doença infecciosa (SEGATA, 2020), o objetivo do presente texto não é se debruçar sobre tais denominações em perspectiva biomédica, mas evidenciar a característica de escala global (SEGATA, 2020), a velocidade do contágio e a gravidade dos casos (SPINK, 2020) que ocasionaram mortes em variados países e territórios, sendo também importante frisar que devido a emergência do contexto não havia tratamento e nem vacinas pré-existentes, ocasionando assim em rupturas no sistema social

---

<sup>5</sup> Graduada em Ciências Sociais (UFPB) e mestranda em Antropologia (UFPB). Link do currículo Lattes:<<http://lattes.cnpq.br/2586747273147542>>.

<sup>6</sup> Mestrando em Sociologia pela UFPB e membro do grupo de pesquisa Antropocovid. Link do currículo Lattes:< <http://lattes.cnpq.br/3062242403699370>>.

(GRISOTTI; GRANADA; BIRRIEL, 2022) e a necessidade de modificação das práticas cotidianas.

Neste momento, pela impossibilidade de vacinação da população e pela elevada infectividade, a OMS e as secretarias de saúde sugeriram para a população as Intervenções não Farmacológicas (INF's) enquanto medida de cuidado preventivo e biossegurança que tinha por principal objetivo, junto aos Equipamentos para Proteção Individual (EPI), diminuir a transmissão entre os indivíduos. Além das novas técnicas do corpo (MAUSS, 1974) que englobava uma nova etiqueta como o uso de máscaras, a necessidade de higienização das mãos, a limpeza de objetos e o arejamento de ambientes, o distanciamento social passou a ser recomendado, além da restrição do funcionamento de escolas, universidades e locais que poderiam ocasionar aglomeração de pessoas (GARCIA, 2020).

De acordo com a Associação Médica Brasileira (AMB) ocorreram “ondas” de contaminação da Covid-19 no país. Entre novembro de 2020 ao primeiro semestre de 2021 o Brasil vivenciou a segunda onda da Covid-19, período marcado pela gravidade dos casos e aumento no número de mortes. De acordo com Moura et al (2021) “[...] a segunda onda se manifestou a partir do aumento significativo do número de casos e de óbitos a partir de novembro de 2020, em Manaus, com consequente colapso do sistema de saúde” (MOURA; *et al*, 2021, p.4).

Diante da possibilidade de contágio, visto que pela faixa de idade e pelas categorias biomédicas de “grupo de risco” e “comorbidades” muitos estudantes no ano de 2021 ainda não haviam tomado nenhuma das vacinas disponíveis, o remoto (online) tornou-se uma alternativa emergente para a continuidade das atividades que envolviam ensino, pesquisa e extensão nas instituições de Ensino Superior, sendo adotada enquanto ação “[...] temporária para atender os alunos durante o distanciamento social provocado pela COVID-19” (TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2021, p. 3).

Além disso, é relevante ressaltar que discentes e docentes foram impactados diretamente com essas medidas, pois muitos não tinham acesso a equipamentos de conexão com a internet, além da rápida necessidade de adaptação dos docentes ao uso de plataformas virtuais através do meio digital ao qual não estavam previamente preparados.

Desta forma, todas as aulas ocorridas durante o primeiro semestre do ano de 2021 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foram realizadas de forma remota, assim como todas as reuniões mensais e semanais de planejamento. Para isso, foi fundamental o uso do *Google Meet* e da rede social virtual *WhatsApp*. A plataforma *Google Meet* enquanto “[...] dispositivo gerenciado pelo computador ou outro equipamento móvel de forma que possibilita a

conectividade entre o profissional da instituição e alunos no sistema home Office[...]"(SILVA; ANDRADE; SANTOS, 2020, p.6) funcionou, de forma gratuita, como meio de contato síncrono para as aulas expositivas e debates, enquanto o grupo do WhatsApp serviu enquanto ferramenta de apoio (ALENCAR; et al, 2015) para contatos síncronos e assíncronos, envio de informações e espaço de debate.

Neste sentido, a rede social virtual e a plataforma mencionada atuaram como mediadores entre o *estar aqui* e o *estar lá* (GEERTZ, 1998), aproximando discentes, estagiários, monitoras e docente, contando também com a participação de docentes convidados residentes em outros Estados e de outras instituições de Ensino Superior, encurtando distâncias e aproximando, através do online, a possibilidade de acesso a pesquisas e produções relevantes durante o processo de ensino-aprendizagem ocorrido nesse contexto atípico.

Entre a literatura obrigatória e os textos complementares, o uso das mídias como modalidade de ensino assíncrono possibilitou o acesso dos discentes a *podcasts* e vídeos previamente selecionados pela docente responsável e pelos estagiários, trazendo materialidade visual e sonora enquanto complemento aos textos indicados, ao mesmo tempo entrecruzando os saberes entre a área da Saúde, a Antropologia e a Sociologia.

Além disso, utilizou-se de dinâmicas (“Nuvem das Palavras”<sup>7</sup> e “Tenda do Conto”<sup>8</sup>) como ferramenta de aproximação com a turma e debate de ideias que envolviam os textos da disciplina e o compartilhar das memórias enquanto metodologia de ensino (KENSKI, 1994) aproximando a Antropologia e a Nutrição .

## **Experiência de pesquisa**

De acordo com as discussões ocorridas ao longo do semestre e a partir da proposta de proporcionar aos discentes da turma um contato empírico que os aproximasse de suas áreas de atuação, a ideia da avaliação final foi pensada e desenvolvida coletivamente com o objetivo de integrar essas demandas ao contexto social pandêmico que estávamos enfrentando.

---

<sup>7</sup> Esta dinâmica, provocada a partir do documentário “**Bicha Braba**”, (dirigido pela Profª Drª Soraya Fleischer/ UNB, duração: 30 min, 2015), disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPyiRylth2M&t=64s>>, teve por principal objetivo elencar categorias comuns para debate. Através de google forms foram respondidas 3 questões (por todos os participantes da turma) e no fim, a partir das respostas computadas, o programa virtual desenvolvia uma nuvem de palavras com os termos mais recorrentes em evidência, o que proporcionou uma discussão que compreendia a literatura sugerida com a indicação do filme etnográfico, contribuindo para o debate coletivo.

<sup>8</sup> Recurso que teve por principal objetivo ocasionar discussões que envolvessem a cultura, a memória e emoções (os cheiros, sabores e contexto dos alimentos) a partir das experiências individuais com comidas.

A partir disso, os discentes se organizaram em grupos menores com o intuito de realizar pesquisas de curto prazo e apresentá-las no fim da disciplina, sob orientação dos estagiários. Os temas selecionados coletivamente foram: Veganismo<sup>9</sup>, Insegurança Alimentar (com enfoque no contexto pandêmico)<sup>10</sup> e Transtornos Alimentares (TA's). É sobre este último tema que iremos discorrer a seguir.

Ficamos responsáveis em supervisionar a pesquisa com o último grupo de discentes e, a partir da nossa primeira reunião com o grupo, logo nos deparamos com questões que enfrentávamos fora do Estágio Docência, em nossas pesquisas individuais: 1) Como realizar pesquisa empírica num contexto pandêmico em que ainda aguardávamos por vacinas e havia uma alarmante quantidade de mortes por Covid-19 diariamente?; 2) Pensando na possibilidade de realizar entrevista, como prepararíamos os estudantes num espaço tão curto de tempo para realizar eticamente uma pesquisa que toca em aspectos subjetivos tão delicados?; 3) Como este tema poderia afetar os próprios estudantes/pesquisadores?

Ao refletir sobre as condições de tempo, pela impossibilidade de construir um projeto de pesquisa em tempo hábil para ser avaliado pelo Comitê de Ética, os prazos, a sensibilidade do tema, os riscos e desafios, chegamos ao comum acordo de que a alternativa mais viável seria utilizar da rede social virtual *Facebook* para realizar uma etnografia online a partir de grupos criados por usuários que se identificavam como indivíduos com TAs (CASTRO; BRANDÃO, 2014) que sofriam por compulsão alimentar (DE VASCONCELOS SOPHIA, 2015), bulimia e anorexia (CASTRO-VIANEZ; BRANDÃO, 2015).

Os dois grupos de Facebook analisados eram privados, um deles possuía 3 mil participantes e no outro havia 1,4 mil membros, e ambos os grupos foram observados pelos discentes do curso de Nutrição durante 2 meses (entre maio e junho de 2021), após o aceite e a justificativa da pesquisa para entrar e permanecer nos grupos. Para isso, além da Resolução Nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), era necessário utilizar de uma sensibilidade investigativa, como proposta por Miller (2020), buscando portar-se de modo eticamente sensível aos relatos adicionados ao grupo. A análise dos conteúdos (CAPPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003) se deu através de uma abordagem qualitativa.

Nestes grupos eram relatados episódios cotidianos que antecederiam as experiências com os TAs: O adoecimento de parentes, o falecimento de familiares durante a pandemia, os itinerários terapêuticos que envolviam o contato com profissionais da saúde, relatos sobre a

---

<sup>9</sup> Ver: NASCIMENTO, B. J.; SILVA, G. V. Veganismo: em defesa de uma ética na relação entre humanos e animais. *Caos-Revista Eletrônica de Ciências Sociais/UFPB*. 21ª edição, 2012.

<sup>10</sup> Ver: DA SILVA PINHEIRO, Andressa et al. Insegurança alimentar em tempos de Pandemia do Covid-19 no Brasil: Revisão de literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, 2022.

observação e sentimentos quanto aos próprios corpos, a substituição da alimentação por outras substâncias, e as experiências alimentares vividas durante a pandemia. Além disso, havia uma considerável diferença com relação ao gênero e faixa etária dos relatos observados. Na maioria dos relatos os casos descritos eram de adolescentes, em seguida mulheres jovens e por fim homens jovens.

O período de observação nos grupos durou uma semana a menos do que o planejado, pois uma das estudantes de nutrição, em uma de nossas reuniões de supervisão e orientação interna, relatou o que ela descreveu como um “gatilho psicológico” causado pelo contato direto com relatos que descreviam em profundidade as experiências dos membros dos grupos, o que poderia prejudicar diretamente a saúde mental e emocional da estudante. A partir disso, buscamos acolher a aluna e concluímos a atividade final da disciplina com os dados que já haviam sido coletados e analisados.

Além disso, mais uma vez o WhatsApp foi utilizado enquanto ferramenta de apoio por meio da qual encaminhávamos textos para a leitura específica do tema, além de textos metodológicos, e neste espaço os estudantes também poderiam tirar dúvidas, discutir temas afins e socializar, aproximando não apenas os saberes socioantropológicos mas também o corpo discente e as estagiárias.

Um dos debates levantados ao longo das discussões no grupo de Whatsapp dizia respeito às diferenças entre abordagens das ciências da saúde e das ciências sociais. Desde questões terminológicas ou relacionadas ao modo de escrita textual, até questões referentes à forma como os pacientes deveriam ser atendidos, retomaram a discussão sobre a importância de dar atenção aos “itinerários terapêuticos” (MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, 2006) e às variáveis envolvidas na situação de cada paciente. No início da disciplina, já havíamos discutido textos sobre o que eram os itinerários terapêuticos e propusemos que a turma assistisse ao documentário “Bicha braba” (FLEISCHER, 2015), que também aborda essa discussão por meio de conversas com pacientes com doenças crônicas, como diabetes e hipertensão.

Desde seu planejamento até a apresentação dos trabalhos, a disciplina proporcionou um aprendizado singular e certamente bastante significativo, tanto para nossas carreiras profissionais quanto para nossa própria experiência pessoal durante a pandemia. Nesse sentido, é possível reconhecer que, além dos desafios e considerando o fato de que os estudantes tinham um acesso satisfatório às plataformas que mobilizamos, a experiência de aprender a ensinar antropologia em tempos pandêmicos apresentou algumas vantagens, como, por exemplo, com relação ao deslocamento para a universidade. Muitos dos estudantes e das estudantes, e também nós, não moramos em João Pessoa/PB - e perdemos muito tempo

durante o deslocamento diário - ou dependemos do serviço de transporte coletivo (nem sempre tão satisfatório) para nos deslocarmos até o campus, o que muitas vezes provoca um cansaço que compromete nosso desempenho acadêmico.

### **Considerações finais**

O período pandêmico ainda não faz parte do tempo passado. Estamos no ano de 2022 e apesar da vacinação em larga escala, soma-se 682.010 mil mortes<sup>11</sup> por Covid-19 no Brasil, e apesar da baixa taxa de letalidade da doença (2,0%), por sua alta transmissividade, ainda ocorrem óbitos diariamente.

Contudo, se o Ensino Básico e Superior passou entre 2020 e 2021 por períodos remotos e híbridos, alternando entre o online e o presencial, em 2022 as instituições passaram a recomendar o retorno gradual ao ensino presencial.

Assim, o registro da experiência de aprender a ensinar antropologia diante de uma singularidade contextual causada por um vírus que fazia e ainda faz adoecer os corpos é de grande relevância para que possamos analisar, numa perspectiva crítica, as estratégias metodológicas de ensino e pesquisa, e como docentes e discentes puderam e tentaram se mobilizar diante das novas dificuldades.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALENCAR, Gersica et al. WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino. In: **Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação**. 2015. p. 787.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações rurais & agroindustriais**, v. 5, n. 1, 2003.

CASTRO-VIANEZ, Priscila da Silva; BRANDÃO, Elaine Reis. Desafios éticos, metodológicos e pessoais/profissionais do fazer etnográfico em um serviço público de saúde para atendimento aos transtornos alimentares na cidade do Rio de Janeiro. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 259-272, 2015.

---

<sup>11</sup> Dados referentes a 17 de Agosto de 2022, disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.



DA SILVA CASTRO, Priscila; BRANDÃO, Elaine Reis. Tomando a anorexia nervosa como objeto de estudo socioantropológico: aproximação com os sujeitos da pesquisa. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 9, n. 1, p. 3-22, 2014.

DE OLIVEIRA TEIXEIRA, Daiara Antonia; NASCIMENTO, Francisleile Lima. Ensino remoto: o uso do Google Meet na pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 19, p. 44-61, 2021.

DE VASCONCELLOS SOPHIA, Bianca. A compulsão alimentar como objeto de pesquisa da antropologia das emoções. **Revista Intratextos**, v. 6, n. 1, p. 85-108, 2015.

FLEISCHER, Soraya (Diretora) e Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais (IRIS), Universidade de Brasília. Bicha Braba. **Documentário etnográfico**, 30 min, 2015.

GARCIA, Leila Posenato. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1998.

GRISOTTI, Marcia; GRANADA, Daniel; BIRRIEL, Mariana Leoni. As dimensões sociais da pandemia de Covid-19 no contexto latino-americano. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 29, p. 1-10, 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e ensino. **Cadernos de pesquisa**, n. 90, p. 45-51, 1994.

MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, Angel. **Os itinerários terapêuticos e a relação médico-paciente**. Tradução de Virgínia Jorge Barreto. Belo Horizonte: Abril, 2006.

LORDELLO, Silvia Renata; SILVA, Isabela Machado da. **Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde: um panorama geral**. 2017.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas Corporais**. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Tradução: Camila Balsa e Juliane Bazzo.**[S. l.: sn], v. 1, 2020.

MOURA, Erly Catarina et al. **Disponibilidade de dados públicos em tempo oportuno para a gestão: análise das ondas da COVID-19**. 2021.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. **Boletim Cientistas sociais e o coronavírus**, v. 23, 2020.

SILVA, D. dos S.; ANDRADE, L. A. P.; SANTOS, SMP dos. Teaching alternatives in pandemic times. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e424997177, 2020.

SPINK, Mary Jane Paris. "FIQUE EM CASA": A GESTÃO DE RISCOS EM CONTEXTOS DE INCERTEZA. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

